

UNICESUMAR - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

COR E SINTONIA: Sophie Calle no manifesto da Arte Contemporânea

VITORIA VERRI

MARINGÁ – PR

2017

Vitoria Verri

COR E SINTONIA: Sophie Calle no manifesto da Arte Contemporânea

Artigo apresentado ao curso de graduação em Artes Visuais da UniCesumar – Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais, sob a orientação do Profa. Esp. Francislaine Campos Garcia.

MARINGÁ – PR

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vitoria Verri

COR E SINTONIA: Sophie Calle no manifesto da Arte Contemporânea

Artigo apresentado ao curso de graduação em Artes Visuais da UniCesumar – Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais, sob a orientação do Profa. Esp. Francislaine Campos Garcia.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

COR E SINTONIA: Sophie Calle no manifesto da Arte Contemporânea

Vitoria Verri

RESUMO

Este artigo objetiva investigar as influências e resultados artísticos na contemporaneidade, a partir de uma arte pautada em liberdade de expressão e diálogos entre obra e artista. Fundamenta-se na teoria crítica e estudos baseados na artista Sophie Calle e seu desenvolvimento interativo nos processos criativos, levantando questões sobre as relações sociais da arte contemporânea e a construção pragmática das exposições. Com base nos pontos apresentados, amplia-se uma análise da diretriz histórica e cultural da cena artística e significação desta até a atualidade. Abordam-se as obras da artista em uma relação passiva entre a sintonia e movimentos expressivos em suas composições, bem como o conceito de registro aplicado por ela. Por fim, discute-se a formação psicossocial no desenvolvimento da produção contemporânea e análise da obra *Le régime chromatique*, de Sophie Calle, pautando-se, assim, nas interações emocionais e apresentando o experimento criativo de "Endocromático" na apreciação conclusiva da pesquisa.

Palavras-chave: Le régime chromatique; Processo de criação; Composições artísticas.

COLOR AND LINE: Sophie Calle in the manifest of the contemporary art

ABSTRACT

This article aims to investigate artistic influences and results in contemporary art based on freedom of expression and dialogues between the work and its artist. It is based on critical theory and studies done on the artist, Sophie Calle and her interactive development in creative processes, raising questions about the social relations of contemporary art and the pragmatic construction of exhibitions. From the points presented, an analysis of the historical and cultural guideline of the artistic scene and its significance up to the present time is extended. The works of the artist are approached in a passive relation between the tuning and expressive movements in her compositions, as well as the concept of record applied by her. Finally, psychosocial formation in the development of contemporary production and analysis of the work *Le régime chromatique* by Sophie Calle is discussed, thus focusing on the emotional interactions and presenting the creative experiment of "Endochromatic" in the conclusive appreciation of the research.

Keywords: Le régime chromatique; Creation process; Artistic Compositions.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende compreender a relação histórica e cultural da Arte Contemporânea, a partir da análise das obras de Sophie Calle, com ênfase na composição *Le régime Chromatique*, a fim de ampliar os conceitos do que entendemos enquanto arte e a maneira como ela aplica-se ao cotidiano dentre a liberdade expressiva.

Por meio dessa reflexão, situamos o presente caso da arte em entender como é compreendida enquanto contemporânea, além de expressão e influência artística, pois desconstrói o ideal de beleza e redefine a criação como forma de liberdade, como explica Costa e Nunes.

Na Arte Contemporânea os processos de realização e criação são mais importantes do que a obtenção de um resultado que agrade o público. O belo não é o objetivo a ser atingido e as regras para a construção e produção artística se esvaem, tornando a arte, do passado, do presente e do futuro, permissível de reconstrução, reavaliação e experimentação (COSTA E NUNES, 2008, p.4).

A escolha da temática surgiu no interesse em ressaltar a artista francesa Sophie Calle e condicionar suas obras por meio da contemporaneidade que as formam, desenvolvendo o interesse artístico para o profissional. O estilo que engloba a sociedade atual interfere diretamente no modo em que conceituamos a arte e construímos suas interferências, surpreendendo a relação com o meio, como consta Favaretto (1999, Itaú Cultural), onde a arte contemporânea e sua diversidade fazem com que sempre haja surpresas, pois toda arte é simbólica e isso nos permite viver o cotidiano com experiências diversificadas.

A arte contemporânea e o trajeto de Sophie Calle destacam um profundo conhecimento artístico e que não se finda, visto que a estrutura artística é construída a partir da sociedade e conclui seus pensamentos sobre o momento em que vivemos, seja qual for o motivo artístico. Gombrich (2000, p. 602) realça o fundamento da arte como algo que é tão bem feito, que não nos acanhemos em questionar seu significado ou a pretensão do artista, mas sim admirar a obra em seu todo.

Ao conciliar as obras da artista e o trajeto da arte contemporânea, classificamos características que serão desenvolvidas no curso deste artigo e diferem os movimentos artísticos, para que auxiliem na construção do que é a arte

em nosso tempo. Sophie Calle expressa suas obras por meio da sensibilidade e significação do meio, predestinando-a em uma classificação única. "Sua obra se apresenta como radicalmente subjetiva, e nisso poderia ser tomada como pertencendo a uma espécie particular, dentro de uma pretensa classificação de gêneros artísticos." (RIVIERA, 2007, p.15).

Em suma, conceitualizar a arte contemporânea é um assunto não finalizado, pois necessita da construção de uma metodologia, a fim de entender como ela aplica-se ao tempo e descompasso de nossa sociedade, através da relação com a artista Sophie Calle e seus experimentos artísticos tem o real fundamento deste artigo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PRIMÓRDIOS DA CONTEMPORANEIDADE

A construção da arte contemporânea parte da fusão entre a sociedade e a história a partir de suas personificações, assim como os outros períodos artísticos. Ao citarmos a contemporaneidade, sintonizamos valores que surgiram na edificação de uma arte não mais elitista e concreta, mas que se acentua na fabricação de imagens vindas do interior do artista para o entendimento do público. Desde o impressionismo, em que Degas muda o olhar da arte histórica para o cotidiano, o processo artístico inicia seu desprendimento com a condição em retratar parte da história, sendo possível a revelação dos signos entre os artistas e suas descobertas.

Acompanhando as guerras, as produções de máquinas e lutas de poderes, a arte ganha cada vez mais a intenção da crítica e exposição de sentimentos, acarretando em movimentos artísticos como o Dadaísmo, maior influenciador da arte surrealista e, posteriormente, a contemporânea. É através desse período que as contradições das ideias na arte sintetizam com o momento de revolta e mudanças sociais, cujos defensores da crítica e da anulação estética unem-se para progredir um movimento totalmente reflexivo, como decreta o poeta Tristan Tzara: "A obra de arte não deve ser a beleza em si, pois a beleza está morta". Em meio ao caos,

construíram arte sem uma proposta estética ou poética, com a intenção do humor e dos desafios valorísticos impostos.

A estética ora é convocada como experiência que pode abranger todos objetos da consciência, ora como experiência particularmente adequada à arte. Dickie utiliza o termo no sentido de teoria da arte, descartando o sentido fenomenológico, considerado completamente irrelevante para o conceito de arte. Ele chega até a duvidar de que exista algo que possamos chamar de apreciação estética (FERREIRA, 2011, p. 8).

O Surrealismo traduz as dimensões dadaístas em aspectos não mais críticos, mas totalmente individuais. A criação do ideal estético é uma personificação dos valores que cada artista atribui a sua obra, sendo restaurada a frente na arte. A ciência modifica a forma como a arte é idealizada e carrega uma nova intenção em romper a ligação com o passado por meio de experiências e significados, que partem da fruição do artista ao intelecto do espectador.

O contexto da arte contemporânea torna-se a pura proposta da obra e do artista, e a resposta surge através das cores e de seus signos para quem a vê, constituindo composições totalmente cerebrais e racionais ao parâmetro que o artista libera a estética para a revelação do interior e condicionamento de valores individuais. Seguimento da contemporaneidade, a provocação é vista como o real sentido das obras na medida que experimenta ao espectador a livre interpretação e não mais a livre expressão, chegando a obras engajadas, com críticas e reconhecimentos sociais, mas que, em sua essência, só é notável quando demonstramos a apreciação embasada nas condições e valores que as permitimos.

A arte contemporânea não possui mais um signo à espera de uma interpretação por conta do espectador. A interpretação deve estar na ação do receptor, ele quem dirá quais são os signos interpretados, de acordo com o seu imaginário e o que a interação com a obra provoca. Ou seja, cabe ao espectador receber a provocação da arte e saber interpretar e compreender os significados que ela é capaz de transmitir (BERGER, 2013, p. 5).

A contemporaneidade decifra-se no momento em que vivemos e se restaura a cada dia na resenha de uma arte voltada à percepção, razão e sentidos englobando a tecnologia e agilidade da atualidade em um contexto que o artista passa a ser uma proposta de diálogos entre a obra e o espectador. Assim, faz-se a arte contemporânea, numa conexão entre a ideia e a experiência proporcionada na interação com o público e, principalmente, um elo na agitação da hodiernidade, na

qual encontra a estratégia que sintoniza a inquietação social com a performance da arte.

2.2 SOPHIE CALLE E A CONTEMPORANEIDADE: UMA LINHA TÊNUE

Deferimos à arte contemporânea um papel almejado, há muito tempo, por artistas que buscavam expor suas ideias, sentimentos, críticas e convicções nas obras que compunham. Teixeira Coelho (2006, p.14) confere a arte atual como um sonho antigo de compor sem limites ou fronteiras, o que permite discutir não somente artistas ou períodos, mas a obra falando por si.

Quando Sophie Calle apresenta *Prenez soin de vous* ("Cuide de você", em português), cria-se junto à obra sentimentos que a artista nos conduz a perceber e outros que formamos a partir de vivências próprias. "Cuide de você" refere-se a 108 interpretações femininas de uma carta de separação que Sophie recebeu, e lida, assim, com suas emoções nas composições, transformando seus sentidos em arte. A proposta da artista reivindicou a ausência de resposta, levando a seu ex-namorado dezenas de retornos diferentes.



FIGURA 1 e 2: Prenez soin de vous, Sophie Calle.

FONTE: https://www.ufrgs.br/artevera/wordpress/wpcontent/uploads/2015/03/sophie_calle_cuide_de_voc%C3%AA.jpg

A contemporaneidade de Calle traduz o que a arte indaga ao referir-se em uma criação totalmente íntima e de materialização híbrida, composta pelo imaginário do artista e não mais pela estética ou convicção social.

Desde logo se pode dizer, de todo modo, que numa época em que a ideia de criação de uma obra (quando há obra) necessariamente transgrede as fronteiras entre os meios para materializar-se (quando o faz) em formas multiorientadas,

híbridas, a separação por suportes não tem mais a pertinência eventualmente demonstrada no passado. A expressão artística se dá agora por todos e quaisquer meios e todos ocupam um mesmo plano de significação em termos de valor (COELHO, 2006, p.15).

O comportamento valorativo das obras contemporâneas sobrepõe à ideia atrativa, o que permite o uso racional de sentidos e sentimentos. Em propostas fotográficas, Sophie utiliza dessa criação heteróclita para dar espaço a experimentos pessoais do espectador, através das lacunas que o ato fotográfico e congelamento de uma ação conduz.

Entler (2006) separa a fotografia em duas visões: a do historiador, que preenche o vazio deixado pela imagem com fatos e apontamentos numa sucessão de conhecimentos a respeito desta; e a do artista, que usufrui do vago para criar e imaginar, para mostrar não apenas o que a fotografia registra, mas principalmente o que ela deixa de mencionar.

Sophie Calle transforma este sentimento artístico numa linha tênue entre mostrar suas vivências e criar uma personagem para lidar com os contratempos. São dessas propostas que surgem obras participativas e condicionam a ideia de que suas composições são relatos profundos, mas que revela uma distância, preservando a mulher que ela pretende mostrar em sua obra.

Percebemos em todos os trabalhos uma narrativa que não esconde os sentimentos da artista, construídos a partir de uma aproximação e de uma vivência efetiva, mas, em contrapartida, preservados através de certa distância que mantém e das informações que jamais revela (ENTLER, 2006).

A alusão ao íntimo da artista é o que transmite a aproximação em suas obras, construindo um elo entre o visitante e Sophie Calle. Em suas percepções, deixar com que o espectador se posicione quanto às vivências alheias, torna a composição artística uma harmonização de relações.

A proposta da artista concebe um enlace entre a vida pública e privada e, constantemente, direciona-nos ao diálogo sobre o que realmente Sophie deseja mostrar. Em *Suíte Vénitienne*, Calle expõe a vida de outro personagem, seguindo um homem desconhecido em sua viagem para Veneza e registrando com fotografias e anotações o trajeto. A busca impetuosa do passo e curiosidade do particular do outro é o que transforma as ideias da artista em brilhantes composições fotográficas e literárias.



FIGURA 3: Henri B. - Fotografia de Sophie Calle para composição de *Suite Vénitienne*.
 FONTE: <http://www.reflexionesmarginales.com/biblioteca/15/Lit/6.pdf>

Nítidamente, o trajeto de Sophie Calle envolve adiante de um único segmento artístico. A proporção de relação entre a construção literária de suas obras com a fotográfica e a performance traduzem o conceito primordial da arte contemporânea: o híbrido. As questões que a artista propõe se enlaçam no trabalho corporal e segmentam emoções propostas por ela e pelos espectadores, em um contato direto entre o corpo e a indagação da arte.

Indiscutivelmente em voga no campo das artes plásticas desde seus primórdios, a releitura do corpo pelas linguagens híbridas da arte contemporânea reposiciona o debate acerca de seu lugar na sociedade. Constituído de pele, músculos, objetos, livros, veias, pinturas, pelos, vídeos, sentidos, sentimentos e pensamentos, individual e coletivo, falar do lugar do corpo na contemporaneidade é problematizar, dentre outros aspectos, a própria condição humana (SOUSA, 2016, p.16).

Neste segmento, portanto, transgredimos a Sophie a problematização, que envolve seus próprios conceitos na relação que ela propõe com o corpo e os motivos que o estagna. A transgressão norteadada a uma sequência fotográfica da própria artista ou a construção de uma rotina posta para a arte, como apreciamos em *Please, follow me* e *Le régime Chromatique* respondem à construção de viver para criar. Para Entler (2006), esse tipo de obra condiz com uma atuação performática, em que os artistas não apenas idealizam e produzem a composição, mas participam como personagens únicos de suas finalizações.

Dessa forma, a artista Sophie Calle propõe, a todo tempo, a experimentar as condições relacionadas à arte e o cotidiano íntimo em todos seus aspectos, para, assim, associar as falhas sociais e emocionais à libertação artística.

2.3 A PERSUASÃO DA CRIAÇÃO – *LE REGIME CHROMATIQUE* E ENDOCROMÁTICO

A linguagem contemporânea trabalha seus ideais e conformidades na obra de Sophie Calle, a partir de suas experiências nas composições artísticas. Dentro do proposto pela artista, as teorias participativas dão significados particulares a suas obras, numa linha tênue entre o chamado a interagir e a intenção da colaboração entre o personagem principal do feito, que costuma ser a própria Sophie, com o olhar singular do espectador.

O trabalho de Sophie Calle não pode ser rapidamente tomado como paradigma da arte contemporânea. Mas ele nos interessa aqui por apresentar de forma inequívoca algo que é central à arte, mas muitas vezes se apresenta de forma dissimulada: sua potência de convocação do sujeito (RIVERA, 2007, p.15).

A formação desta proposta, em chamar o sujeito a participar e entender a obra contemporânea em seu individual, transforma as obras da artista em um fabuloso espaço artístico, que ela cria para expressar-se em liberdade. Uma dessas vertentes deu origem a Maria, personagem de Paul Auster no livro "Leviatã" (1992), que dialoga com o protagonista como uma artista fascinante e particularmente híbrida em suas composições. A invenção de Maria, portanto, foi baseada em Sophie Calle e suas formações artísticas, que possuem os mesmos ideais e trajetos que a artista francesa coloca nas obras.

Como uma troca de influências, após o lançamento do livro, Sophie propôs adaptações para as intervenções criadas pela personagem Maria e que foram formuladas pelo escritor Paul, para adequar uma série de livros e fotografias que contam, através de trechos de "Leviatã" e citações da personagem que representava a artista, o fundamento das obras. Em uma de suas referências, Calle apresenta *Le régime Chromatique*, obra criada pela personagem do livro e que resulta em uma dieta de seis dias totalmente cromática.

A relação de cores e alimentos é apresentada através de Maria por Paul Auster, e Sophie, abertamente, transforma esta ficção em realidade, trabalhando a proposta aplicada no livro. Entre a artista e o escritor, há uma aliança de características e projeções, que tornam as ideais de ambos em soluções para a criação de grandes obras.

A rotina e a monotonia do cotidiano contemporâneo tornam-nos hábeis para dar magnitude a experiências completamente imprevisíveis, desde perseguir um desconhecido na rua, como Sophie expõe em "*Please, follow me*", até escolher crucialmente alimentos para montar refeições monocromáticas.

O fato é que Paul Auster e Sophie Calle aumentam (e deformam), com uma espécie de lupa, detalhes e rotinas banais, servindo-se da experiência pessoal, própria e alheia como matéria-prima para a criação artística. Seduzem-nos com uma aparente familiaridade, para fazer com que nos percamos em itinerários labirínticos e situações inesperadas já que o acaso orchestra a obra de ambos. Em comum, a tão desvairada quanto tocante busca por vestígios, ausências, ínfimas memórias subjetivas que, na maior parte das vezes, conseguem transformar em obras pungentes e originais (GOLDSTEIN, 2002).

A obra *Le régime Chromatique* (Dieta Cromática, em português) representa a solução da real banalização das experiências normais e cotidianas que vivenciamos e como a arte pode ser inserida em qualquer âmbito de nossa condição. A proposta de Sophie realiza, em sete dias, uma dieta composta por alimentos que Paul sugere em seu livro e alguns acréscimos e modificações da artista francesa.

Pedroso (2013) refere-se a Sophie como uma artista que constrói, através da arte conceitual, uma descrição da instabilidade humana e confere a sua "Dieta Cromática" a apreciação da principal característica de Calle: a protagonista de suas narrativas. Seu ensaio com as cores transforma desejos e proximidade com a artista em uma grande composição, dando origem a uma sequência de fotos divididas por dia e cromaticamente.

Segue-se o capítulo sobre a "influência" de Maria sobre Sophie. Neste, a dieta cromática, de 1997, é o primeiro experimento. Para a segunda-feira, é escolhida a cor laranja. Para a terça, o vermelho, e assim por diante. Sophie inventa as cores para sexta-feira, sábado e domingo, porque Auster não as menciona em *Leviathan*. Permite-se "seguir o livro" e suas regras sem se limitar demais a ele. Inventa suas próprias (FERREIRA, 2016, p.4).

Na proposta de Paul para Maria, a personagem determinou quatro dias e quatro cores para produzir as composições alimentares. Para finalizar a semana, Sophie acrescenta três dias e faz anotações ao publicar as imagens em seu livro "*De l'obéissance*" ("Da obediência", em português).



FIGURA 4: Composição fotográfica de Sophie Calle – *Le Regime Chromatique*
 FONTE: <https://i.pinimg.com/736x/72/9b/bb/729bbbefa98462c288baef57caa7c446--sophie-calle-art-gallery.jpg>

Esta colaboração entre artista, criação e espontaneidade no cotidiano sugere a produção artística que engloba referências deste artigo para a execução. Através de Sophie Calle e a transmutação de sua obra "Dieta Cromática", para designar sua alimentação durante sete dias, propus uma experimentação pessoal em desenvolver a composição "Endocromático", uma sequência fotográfica que relata em 17 dias o desenvolvimento da escala de cores, iniciando com o preto e finalizando com a pele, em uma degradação cromática.

A construção desta obra ilustra as percepções do desenvolvimento no estudo da francesa Sophie Calle e perpetua as noções cromáticas, a partir do segmento artístico compartilhado pela artista, essência do artigo apresentado. A intimidade de Calle e sua performance tornam a obra extraordinária, em um princípio contemporâneo e totalmente individual, assim como proposto em "Endocromático" na realização de fotografias registradas por terceiros, além de expandir ao cotidiano da artista em uma produção de vivência, durante os 17 dias.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS (RESULTADOS)

3.1 ENDOCROMÁTICO – A COMPOSIÇÃO

Experiências fotográficas, com duração de dezessete dias, na proposta de vivenciar a arte protagonizada pela artista, assim como feito por Sophie Calle em *Le Regime Chromatique*. Em composição de dezessete cores, sugeri combinações em roupas e acessórios que me acompanharam nos dias estipulados (01/10/17 a 17/10/2017), para a construção desta criação.



DIA UM : PRETO

colares pretos
camiseta preta com estampa rosa claro
calça preta



DIA UM : PRETO

colar preto com pedra
pulseiras pretas
anel preto
vestido de camurça preto
sandália preta



DIA DOIS : CINZA

pulseiras chumbo
anéis prateados
vestido de camurça cinza
camisa xadrez cinza, branco e preto
meia calça preta
tênis cinza



DIA DOIS : CINZA

moleton cinza com estampa marrom
calça cinza



DIA DOIS : CINZA

camiseta cinza com estampa branca



DIA TRÊS : BRANCO

camiseta branca com estampa amarela
short jeans branco



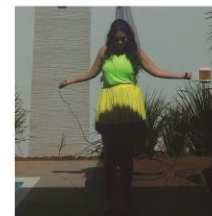
DIA TRÊS : BRANCO

colar com pedras brancas
camiseta branca
casaco branco com listras coloridas
calça branca
tênis branco



DIA QUATRO : BEGE

colar dourado envelhecido
pulseira bege e dourada
vestido bege
sandália branca e bege



DIA CINCO : AMARELO

camiseta amarela
saia amarela com faixa azul



DIA CINCO : AMARELO

faixa amarela
colar dourado
aneis dourados
vestido amarelo



DIA SEIS : VERDE CLARO

camiseta verde claro
calça verde com estampa verde claro



DIA SETE : VERDE ESCURO

vestido verde escuro com estampa branca e azul

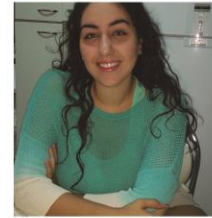


DIA SETE : VERDE ESCURO

vestido verde escuro com estampa branca e
laranja

DIA OITO : AZUL
TURQUESA

camiseta azul turquesa

DIA OITO : AZUL
TURQUESA

lenço azul turquesa com estampa rosa
camiseta azul turquesa
blusa azul turquesa com branco



DIA NOVE : AZUL CLARO

vestido azul claro com estampa branca
camisa jeans claro
tênis azul claro



DIA NOVE : AZUL CLARO

camiseta branca com stencil azul claro
cardigan azul claro
calça jeans azul



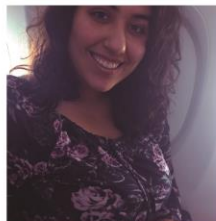
DIA DEZ : AZUL ESCURO

camiseta azul escuro
calça jeans azul
camisa xadrez azul claro e escuro
tênis azul escuro



DIA DEZ : AZUL ESCURO

vestido azul escuro com listras brancas
tênis branco
mochila azul escuro



DIA ONZE : ROXO

vestido roxo com flores lilás e rosa



DIA DOZE : ROSA

lenço rosa claro com manchas rosa escuro
vestido rosa com estampa preta

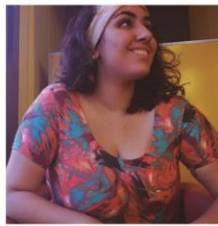


DIA TREZE : ROSA ESCURO DIA TREZE : ROSA ESCURO DIA QUATORZE : VERMELHO

camisa rosa escuro
caça jeans
bolsa rosa escuro transparente

bandana rosa
vestido rosa escuro

camiseta vermelha
saia preta com estampa vermelha



DIA QUINZE : LARANJA

DIA DEZESSEIS : CORAL

DIA DEZESSETE : PELE

lenço laranja
camiseta laranja com estampa vermelha e azul

turbante coral com estampa branca
vestido coral
bolsa coral

colar espectro de cores
quadro endocromático
pele

FONTE: Fotos da autora.

5 CONCLUSÃO

Sophie Calle compõe a emoção, transformando liberdade em arte e vivências em grandes experimentos compartilhados à pretensão humana. Por meio de suas obras, enxerga-se desde o rudimento artístico até as melhores deliberações do que entendemos do presente. A artista criou sua vida em função da arte, e a arte retribui com a transparência em desenrolar-se como Calle quer e pretende nos inquietar. Somam-se obras de feito estonteante, como a perseguição a um desconhecido em *Suite vénitienne* ou a grande exposição "Cuide de você", que traduz milhares de sentimentos, íntimos de cada espectador e baseados em uma única carta.

A beleza de Sophie é o intrínseco. Vem da fala captada sem som, da visão imaginada que ela nos faz criar e aderir. A artista propõe a arte contemporânea de uma forma singular, e esta condiz no real tracejo desta manifestação artística, sem

paradigmas limitantes. As obras de Calle permanecem em constante transmutação, em um espaço que não se finda, mas adere ao que as espera.

O desafio da arte contemporânea é estudar conceitos íntimos, que o artista mostra até o limite em que deseja, mas esconde o que não quer aplicar à composição. São experiências artísticas que convocam investigações em metodologias e análises de produções. Como exposto nesta pesquisa, compartilhar de um movimento instrutivo, como a contemporaneidade, é se sujeitar ao novo a todo tempo, apoiando-se nas influências e nos méritos buscados e atingidos.

Dessa forma, acredita-se que os objetivos principais deste artigo foram alcançados, buscando favorecer elos entre as obras de Sophie e a experimentação proposta com "Endocromático", em uma vivência privilegiada pelos estudos da artista. Ao mesmo tempo, esta pesquisa buscou delinear as críticas e análises do discurso sobre a arte contemporânea, em um apontamento a Calle, pautar seu processo criativo, com a intenção de conceder diversas interpretações de sua trama artística e dialogar com o movimento atual.

REFERÊNCIAS

AUSTER, Paul. **LEVIATÃ**. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

BAUDRILLARD, Jean; CALLE, Sophie. **Suite Venitienne**. San Francisco: Bay Press, 1988.

BERGER, Bruna. **DIÁLOGOS ENTRE A ARTE CONTEMPORÂNEA E A PUBLICIDADE NA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS**. Curitiba: UTFPR. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/download/2124/2022>>. Acesso em: 24 set. 2017.

CALLE, Sophie. **Henri B**. 1983. 1 fotografia, p/b. 15cm x 21cm.

CALLE, Sophie. **Le Regime Chromatique**. 1997.6 fotografias. Disponível em: <<https://i.piniimg.com/736x/72/9b/bb/729bbbefa98462c288baef57caa7c446--sophie-calle-art-gallery.jpg>>. Acesso em: 19 out. 2017.

CALLE, Sophie. **Prenez sois de vous**. 2 fotografias. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/wordpress/wpcontent/uploads/2015/03/sophie_calle_cuide_de_voc%C3%AA.jpg>. Acesso em: 21 set. 2017.

COELHO, Teixeira. **Coleção Itaú Contemporâneo: Arte no Brasil, 1981-2006.** São Paulo: Itaú Cultural, 2006.

COSTA, Célia Soares; NUNES, Ana Luíza Ruschel. **HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ, VIDA E OBRAS DE ARTISTAS: POSSIBILIDADES NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS ESCOLAR.** Paraná: Governo do Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1579-6.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2017.

ENTLER, Ronaldo. **Testemunhos silenciosos: uma nova concepção de realismo na fotografia contemporânea.** São Paulo: Scielo. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202006000200004&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 19 set. 2017.

FERREIRA, Gabriela Semensato. **SOPHIE, MARIA, PAUL: UM JOGO DUPLO DE ARTICULAÇÃO E PARTIÇÃO.** Palhoça: UNISUL. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/sulletras/PDF/Gabriela-Ferreira.pdf>>. Acesso em 07 out. 2017.

FERREIRA, Guilherme Ronan de Souza E. **ARTE E ESTÉTICA: O DEBATE CONTEMPORÂNEO A PARTIR DE GEORGE DICKIE.** Bahia: UFRB. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:KH-l1cWb7JkJ:https://www2.ufrb.edu.br/griot/component/phocadownload/category/4-vol-03-n-01-junho-2011%3Fdownload%3D22:arte-e-esttica-o-debate-contemporneo-a-partir-de-george-dickie-guilherme-ronan-de-souza-e+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 21 set. 2017.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **Paul Auster e Sophie Calle: a vida como ficção.** Pravda.ru. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/news/sociedade/cultura/04-11-2002/371-0/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **A HISTÓRIA DA ARTE.** Álvaro Cabral. 16ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PEDROSO, Felipe. **A DIETA CROMÁTICA DE SOPHIE CALLE.** BLCKDMNDS. Disponível em: <<http://www.blckdmnds.com/a-dieta-cromatica-de-sophie-calle/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

RIVERA, Tânia. **O SUJEITO NA PSICANÁLISE E NA ARTE CONTEMPORÂNEA.** Rio de Janeiro: Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2910/291022012002/>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SOUSA, Vanessa Seves Deister. **INSTAURAÇÃO E ALQUIMIA: O CORPO EM TRANSMUTAÇÃO NOS TRABALHOS DE TUNGA.** Campinas: UNICAMP. Disponível em: <<file:///C:/Users/Vit%C3%B3ria/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O-DE-MESTRADO-VANESSA-S%C3%89VES-DEISTER-DE-SOUSA.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SOUSA, Vanessa Seves Deister. **TÓPICOS ESPECIAIS**. Disponível em: <file:///C:/Users/Vit%C3%B3ria/Documents/ARTE%20CONTEMPORANEA/e-book-disciplina-t%C3%B3picos-especiais-l.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

TZARA, Tristan. **Dadaísmo: o mais radical dos movimentos de vanguarda**. Disponível em: <<https://daliteratura.wordpress.com/2012/04/29/dadaismo-o-mais-radical-dos-movimentos-de-vanguarda/>>. Acesso em: 19 out. 2017

